
A guerrilha das denominações: formulações afrodiáspóricas para a comunicação¹

Vinícius da Silva COUTINHO²

Márcia GUENA³

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro, BA

RESUMO

Este resumo discute a confluência de propostas discursivas contracoloniais e como as mesmas podem contribuir para as narrativas e análises no campo da comunicação. Os conceitos em questão são “Guerra das denominações”, de Nêgo Bispo, 2015; “Fabulação crítica”, de Saidya Hartman, 2020; “Pretuguês”, de Lélia Gonzalez, 2020; e “Dobra na linguagem/Dobra na Palavra”, de Luiz Rufino, 2019. Para tanto, foi realizada uma revisão de literatura, tendo como base textos acadêmicos encontrados por meio de busca por palavras-chave (os próprios conceitos citados), no google acadêmico. A análise do material mostra que os conceitos se apresentam como ferramenta de contranarrativa aos imaginários sedimentados no colonialismo.

PALAVRAS-CHAVE: guerra das denominações; fabulação crítica; contracolonial; contranarrativas.

INTRODUÇÃO

O presente estudo emerge de discussões que foram aguçadas no componente curricular “Representações e identidades dos/nos territórios semiáridos na educação, na cultura e na mídia”, do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Este programa discute uma perspectiva decolonial, a partir de referências que questionam a modernidade-colonialidade e suas lógicas, ancoradas, entre outros importantes elementos, na palavra, na linguagem, enfim no discurso, fundamentos da comunicação. Como dizem as mais velhas: as palavras têm força! Pensando nessa máxima, tentamos articular aqui conceitos que repetem essa ideia de outra maneira e pretendem denominar coisas e conceitos a partir de outras palavras, de outras cosmogonias, atribuindo outro sentido aos léxicos e formulações. Apresentamos os conceitos “Guerra das denominações” (Bispo, 2015); “Fabulação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiáspórico, do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos - PPGESA/UNEB. Especialista em Gestão de Marketing e Mídias Digitais (IESRSA). Graduado em Jornalismo pela UESPI, email: viniciuscoutinho96@gmail.com.

³ Doutora em História pela Universidade Complutense de Madrid (UCM). Professora do PPGESA e do curso de Jornalismo em Mídias da UNEB, email: mguena@uneb.br.

crítica” (Hartman, 2020); “Pretuguês” (Gonzalez, 2020); e “Dobra na linguagem/Dobra na Palavra”, (Luiz Rufino, 2019).

Realizamos aqui uma revisão de literatura (Gil, 2002, p. 64) destes conceitos, utilizando as referências-base e textos encontrados no Google Acadêmico, tendo os próprios conceitos como palavras-chave. Adiante, refletimos sobre as intersecções e as aplicações dos conceitos, como também, suas contribuições para o pensamento decolonial e contracolonial, como denomina a perspectiva de Santos (2015).

A América Ladina e o Pretuguês

Já anunciando uma discussão que voltaria com força em várias pensadoras e pensadores contemporâneos, a filósofa negra Lélia Gonzalez (2020), já denunciava na década de 80 do século passado, o desprezo pelos conceitos e palavras utilizadas dos povos “amefricanos”, conceito este também carregado de sentidos contracoloniais⁴. Gonzalez denuncia a tendência de vínculo único com uma descendência européia na América Latina, propondo que está é uma “América Africana cuja latinidade, por inexistente, teve trocado o T pelo D, para, aí sim, ter o seu nome assumido com todas as letras: América Ladina” (Gonzalez, 2020. 128).

Questionando a designação do nome “América” apenas para os habitantes dos Estados Unidos, Gonzalez conceitua a expressão “amefricanos” e se pergunta: “como podemos atingir uma consciência efetiva de nós mesmos enquanto descendentes de africanos se permanecemos prisioneiros, “cativos de uma linguagem racista” (Gonzalez, 2020, p. 134). Assim, a autora aprofunda o conceito de amefricanidade evocando uma origem histórica e linguística, em uma dinâmica cultural afrocentrada, ao elaborar o “pretuguês” como expressão da resistência. Este termo encerra a africanização do português no Brasil e aponta para as várias influências banto e yourubana, línguas inferiorizadas na compreensão do que se fala no país. Esta é uma importante discussão para a construção de linguagens no campo da comunicação, pois traz elementos para romper a branquitude expressa nos diversos textos da área.

A Guerra das Denominações

⁴ Bispo (2015) opta por utilizar “contracolonial”, em vez de “decolonial”, pois, na perspectiva do autor, como os povos quilombolas não foram colonizados, conseguiram manter seus costumes/cultura originários praticamente intactos. Nós entendemos o seu argumento, mas também validamos as contribuições trazidas pela decolonialidade e defendemos que os dois devem ser estudados e utilizados.

Ao dialogar profundamente com os conceitos de cor, raça, etnia, colonização e contracolônização, Nêgo Bispo entende que, ao longo da história, foram desconsideradas as diversas autodenominações dos povos originários, ocultadas por meio da opressão colonialista. Santos (2015, p. 27) destaca que “os colonizadores, ao substituírem as diversas autodenominações desses povos, impondo-os uma denominação generalizada, estavam tentando quebrar as suas identidades com o intuito de os coisificar/desumanizar”. Assim, estes povos originários foram descaracterizados e a identidade imposta foi composta principalmente por características negativas.

Bispo versa sobre os movimentos de insurgência e resistência contra os modelos hegemônicos vividos desde a colonização e chamará atenção ao fato de que é por meio de denominações hegemônicas que se dá o modelo de dominação assistido nas Américas e outras partes do mundo, em que o processo de nomenclatura dos processos e das coisas são também estratégias de dominação/apagamento da história dos povos originários, como também, dos que vieram escravizados. Logo, propõe a “Guerra das denominações” como uma estratégia contrainsurgente, renomeando conceitos e objetos a partir da cosmogonia dos povos afropindorâmicos. Assim, segundo Cavalieri, Mello e Tiriba (2022, p. 175), a contracolônialidade é “ideia e prática que afirma formas de produzir e circular conhecimentos dos povos afropindorâmicos como estratégia de sobrevivência em aliança com os povos originários, das favelas e dos quilombos”.

Nesse sentido, Seixlack (2024, p. 200) entende a “Guerra das denominações” como uma “estratégia de recomposição da memória e da identidade dos povos que passaram por processos de desterritorialização”. A proposta de Bispo é contrariar as palavras potentes impostas pelos colonizadores, a fim de romper com o adestramento colonial e recuperar a autogestão das práticas. Assim, a “Guerra das denominações” surge como uma disputa de repertório, que tensiona/contraria o repertório imposto pelo colonialismo, apresentando novos termos e ressignificações. Nêgo Bispo propõe trazer os saberes ancestrais da oralidade para a escrita, com uma potencialidade transformadora e material com consequente impacto nas práticas discursivas. Assim, temos como exemplos as denominações propostas por Bispo: “pindorâmicos”, utilizado para substituir “indígenas”; “envolvimento” como algo muito superior – e em contraposição – a “desenvolvimento”, comum aos mais diversos discursos de

dominação. Um repertório de ruptura para o campo da comunicação em suas diversas expressões acadêmicas e midiáticas.

As Fabulações Críticas

Também buscando novas narrativas, a partir do olhar das mulheres negras, com ensaio *Vênus em Dois Atos*, Saidiya Hartman (2020) apresenta o método “Fabulação crítica”. A autora propõe examinar a presença de Vênus⁵ no arquivo da escravidão atlântica, a fim de descobrir alguma novidade sobre ela. Assim, questiona a produção dos arquivos como um lugar também de produção de violência e dominação. A partir daí, propõe a “Fabulação crítica” como uma forma de recontar histórias, a partir de uma ótica não evidenciada anteriormente, sem violentar as pessoas envolvidas, privilegiando o não dito, o não registrado pelos acervos organizados pela branquitude. Este processo acontece ao rearranjar elementos de uma história.

O método surge como saída e confronto à contação de uma história única, como enfatiza Chimamanda Ngozi Adichie (2019), que durante o percurso histórico privilegiou um olhar majoritariamente masculino e branco, das elites dominantes. Por esse motivo, a autora critica o caráter reducionista e violento dos arquivos. Assim, a “Fabulação crítica” traz uma “narrativa recombinante”, envolvendo presente, passado e futuro, recontando uma história a partir de um rearranjo dos elementos básicos das narrativas, apresentando um encontro entre a história e a literatura.

Salgueiro Marques, Lessa Filho e Araújo Oliveira (2023, p. 165) destacam que a prática fabuladora de Hartman “revela os dilemas implicados em recuperar vidas emaranhadas aos enunciados historicamente legitimados, amalgamando-as aos terríveis registros que as condenaram à morte”. Esta escrita ficcional perturba as disposições do poder ao nos tornar sensíveis a uma outra possibilidade de imaginar a história, por exemplo, ao recontar as vidas das pessoas sequestradas e traficadas, imaginando suas experiências e emoções humanizadas, colocando as vozes das escravizadas em primeiro plano e oferecendo um futuro abolicionista. Para isso, Hartman opta por trocar alguns termos em sua escrita: “escravo” por “escravizado”; “anônimo” por “indivíduo com história oculta” e “prostituta” por “mulher vivendo de forma não convencional”.

⁵ Vênus foi como nomearam duas garotas negras escravizadas a bordo de um navio.

Dobra da linguagem/dobra das palavras

Na obra *Pedagogia das Encruzilhadas*, Luiz Rufino (2019, p. 10) recorre a cosmogonia das religiões de matrizes africanas para propor uma “guerrilha epistêmica”, atacando a supremacia branca, “apresentando outros caminhos a partir de referenciais subalternos e do cruzo desses com os historicamente dominantes”. Assim, como o de Gonzalez e Bispo, Rufino propõe ‘colocar fogo’ nas palavras e conceitos hegemônicos, a partir da dobra da linguagem e da dobra da palavra, pois afirma que a “linguagem nos permite o escape a toda forma de controle e limitação” (Rufino, 2019 p. 115).

O autor chama de prática “a dobra da linguagem a capacidade de ser leitor e escritor em múltiplas textualidades”. Dobrar a linguagem é a capacidade de, em meio aos regimes monológicos/monorracionalistas, explorar as possibilidades de se inventar polinguista/polirracionalmente” (Rufino, 2019, p. 117) (...) não há descolonização se não há dobra da linguagem” (Rufino, 2019, p. 118). De posse desse conceito, o autor forja novas denominações que conformam a pedagogia das encruzilhadas, inspirada em Exu, que lhe permite falar da encruzilhada como o lugar onde tudo se encontra e acontece, uma metáfora do encontro de culturas sem subalternização. Conceitos como “marafunda colonial”, para falar da colonialidade; “ebó epistemológico”, “que produz encantamento na esfera do saber” (p. 43), na perspectiva da abertura de caminhos.

Reflexões e intersecções entre os conceitos

Neste estudo, apresentamos conceitos distintos, mas que suas aplicações podem andar de mãos dadas e na contramão dos pensamentos coloniais e homogeneizantes. Rufino (2019) nos leva a cosmogonia yurubana para falar da força das palavras e de seu potencial transformador. Temos presenciado isso no campo da Comunicação, há muitos anos, em todas as direções. Por isso, evocar outros conceitos e palavras para a construção de mensagens é fundamental para a construção de uma sociedade plural, plurirracial e pluriétnica.

Diante da leitura e análise dos textos revisados para este resumo, percebemos que os métodos estudados sugerem uma reinvenção, seja dos conceitos a partir das palavras ou sobre a contação de uma história a partir de um novo olhar. As autoras e autores partem da negligência às singularidades, principalmente, étnico-raciais na história. Como apontou Santos (2015), a dominação a partir da denominação é também

o apagamento de memórias. É neste ponto que está a interseção com Hartman (2020), que busca recontar essas histórias, a partir das fabulações, buscando minimizar os impactos desses pagamentos e silenciamentos. Nessa perspectiva, seu método escuta o não dito, traduzindo palavras mal interpretadas e remodelando vidas desfiguradas, além de contestar violência presente nos discursos.

Portanto, os conceitos estudados se apresentam como ferramenta de contranarrativa comunicacional aos imaginários sedimentados no colonialismo. Assim, são mecanismos que devem ser ainda melhor compreendidos e aplicados para minimizar e combater os impactos tão severos que ainda persistem nas sociedades contemporâneas, destituindo as barreiras que geram as desigualdades e estruturam os diferentes tipos de violências.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAVALIERI, L.; MELLO, T. de F. O. de; TIRIBA, L. V. Notas de uma metodologia contracolonial teórico-brincante: encontros de educadores a "qual" distância?. **Revista da FAEBA**, [S. l.], v. 31, n. 66, p. 173–190, 2022. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/13478>. Acesso em: 19 jun. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 7. ed. 2017.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HARTMAN, Saidiya. Vênus em dois atos. **Revista Eco-Pós**, 23(3), 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>. Acesso em: 10 jun. 2024.

HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Tradução José Luiz Pereira da Costa. 1ª edição. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**- Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SALGUEIRO MARQUES, Ângela C.; LESSA FILHO, R.; ARAÚJO OLIVEIRA, L. A montagem como espaço de jogo no filme *El mar la mar*: limiares e lampejos de uma travessia migratória. **REMHU, Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, [S. l.], v. 31, n. 67, p. 249–269, 2023. Disponível em: <https://remhu.csem.org.br/index.php/remhu/article/view/1690>. Acesso em: 19 jun. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significações**. Universidade de Brasília – UnB e Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI. Brasília, 2015.

SEIXLACK, A. G. C. Vozes da terra e ancestralidade: imaginando novas perspectivas para o Antropoceno. **Em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 55, pp. 191-206, maio/ago, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2024.81196>. Acesso em 18 jun. 2024.